



FOLHA INFORMATIVA

23-2017 / Outubro

O BARCO DE ÁGUA-ACIMA DO CAMPO DAS CEBOLAS



ÍNDICE

O BARCO DE ÁGUA-ACIMA DO CAMPO DAS CEBOLAS	2
ANEXO FOTOGRÁFICO	8

Nos trabalhos que foram feitos no Campo das Cebolas, para abrir um parque de estacionamento no âmbito de desenvolvimento da EMEL - Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa – a empresa de construção a quem foi adjudicada a obra fez várias descobertas no local na altura em que procedia à remoção de inertes para concretizar a obra.

Por lei, a empresa foi obrigada a contactar e contratar uma empresa de arqueologia para acompanhar os trabalhos, o que foi feito. Como na altura era claro, num sítio daqueles, de aterro, sabia-se por experiência de obras idênticas que se iam encontrar vestígios arqueológicos mais ou menos importantes.

Assim sucedeu, porque encontraram muralhas pombalinas e pré-pombalinas, sete embarcações e restos (vestígios) de algumas outras embarcações – umas mais e outras menos bem conservadas – e quatro delas estavam em estado de poderem ser estudadas com atenção, dada a sua relevância patrimonial como logo se evidenciou. O estudo e caracterização das tipologias dessas embarcações devia ser obrigatório, feito no local e por inteiro, ou seja, sem serem removidas e respeitando-se o seu posicionamento e estrutura, que se deveria manter inalterada para fiabilizar o estudo arqueológico.

Este tipo de procedimentos são obrigatórios porque não é suficiente fazer somente o estudo a partir do desenho e das fotos que se obtenham no local, e isso compreende-se dado que nada pode substituir as observações e medições feitas no próprio local ao achado arqueológico.

O que sucedeu não foi isso, e sabe-se hoje que os arqueólogos tiveram que fazer os desenhos apressadamente, com as consequências que se adivinham.

Apareceu pelo menos uma dessas embarcações, de arquitectura muito interessante e original, de quilha de duas proas de tabuado liso.

Apareceram igualmente dois barcos com cerca de 20 metros de comprimento que eram nitidamente da tipologia dos barcos de água-acima, tal como eram construídos em Constância, Rio de Moinhos e Alferrarede e, num deles, havia um leme todo inteiro colocado dentro da embarcação. Esta tinha a popa ligeiramente partida e um pouco deslocada, o que faz supor que deve ter havido problemas com alguma forte intempérie e os barcos devem ter ficado danificados por terem sido projectados pela força dos elementos da natureza. Por esse facto, afundaram-se e ali ficaram.



1ª foto da embarcação do Campo das Cebolas (crédito: Arquitecto Carlos Carvalho)

Desse dois barcos de cerca de 20 metros, que constituíam os achados mais importantes, um deles tinha uma curiosa característica que não se encontra nos varinos, isto é, não tinham arquitectura que fizesse supor terem sido influenciados pela cultura aveirense, e tinham uma caverna direita, larga – com cerca de 20 cm de largura – e cada caverna tinha dois braços. Não era só a caverna mestra porque todas elas tinham dois braços. O Arquitecto Carlos Carvalho, nosso interlocutor, confirma nunca ter visto nenhuma referência a este tipo de construção, pelo que a considera única. Para além disso, o barco tinha o tombadilho de popa, já não tinha bica mas, pelas evidências, era um achado arqueológico que se pode considerar de importância relevante para a caracterização das embarcações tradicionais do Estuário do Tejo e que, por esse facto, devia ser estudada

no local desde logo, e conservada com todos os cuidados, dada a sua importância para a história dos transportes náuticos do Tejo.

Nada disso porém aconteceu, infelizmente. Devido à pressão que os prazos de construção exigiam, e também por outros factores que sempre surgem nestas circunstâncias, ninguém quis assumir a responsabilidade de parar a obra de construção civil – durante o tempo necessário à sua cuidada remoção, estudo e caracterização – e decidiram em alternativa fotografar e desenhar a partir das fotografias, o que contraria todos os procedimentos recomendados nos trabalhos de arqueologia.

Era evidente pela importância do achado que ele não devia ficar ali depois de estudado, pelo que se deveria ter cuidado de encontrar um local apropriado para acomodar o achado para evitar a sua rápida deterioração, porque esteve durante séculos preservado no lodo do Campo das Cebolas.

Um dos barcos de 20 metros foi todo desmanchado, transportado e submergido em tanques para assegurar a conservação – segundo consta para o sítio do Alfeite –, e o outro foi soterrado com manta por cima para o proteger (*não sei bem de quê*, diz-nos o nosso interlocutor) e, por fim, levou com o betão em cima de tal maneira que nunca mais ninguém lá poderá chegar.

Não se percebe este tipo de procedimentos.



2ª foto da embarcação do Campo das Cebolas (crédito: Arquitecto Carlos Carvalho)

Para além disso, ainda apareceu um vestígio de uma embarcação menor que, pelo número de cavernas e pelo tipo de arquitectura naval, dá a sensação de ser um bote catraio, que foi igualmente todo desmanchado e não se sabe nem um pouco do seu paradeiro. Possivelmente a Câmara de Lisboa e a EMEL saberão onde se encontram estas embarcações, o que torna a situação difícil de entender, dada a importância dos achados e a sua relevância para o estudo do nosso valiosíssimo património.



Exemplo de um bote catraio na actualidade, o *São Marçal*¹

Assim se afirma porque, logo que foi percebida a importância dos achados, principalmente do suposto “barco de água acima” do tipo colé, alertou-se de imediato o Senhor Almirante Bastos Saldanha e o Senhor Professor Carvalho Rodrigues, por serem personalidades relacionadas com a *Marinha do Tejo* e com a preservação das embarcações tradicionais do Grande Estuário.

Os esforços que de imediato desenvolveram foram ao mais *Alto Nível da Autarquia de Lisboa* e isso despoletou intervenções que aparentemente levariam a ter esperança na preservação cuidada das embarcações descobertas, dadas as promessas que entretanto foram feitas para a preservação e estudo cuidado dos valiosos achados.

O tempo veio infelizmente confirmar que as Entidades que anunciaram o seu empenhamento não desenvolveram quaisquer acções positivas.

¹ Fonte: <http://projetoraposinho.blogspot.pt/2013/>. Acedido em: 26-09-2017.



3ª foto da embarcação do Campo das Cebolas (crédito: Arquitecto Carlos Carvalho)

Em relação às muralhas pombalinas e pré-pombalinas descobertas na mesma altura no Campo das Cebolas aconteceu o mesmo ou parecido, isto é, encontraram-se partes de muralhas das quais se tinha conhecimento quase unicamente através de uma célebre revista da Universidade de Leiden ² de que há uma cópia no Museu da cidade de Lisboa. Nesse estudo são revelados aspectos dessa muralha, com uma escadaria semicircular, que nunca ninguém tinha visto, foi posta a descoberto pelas obras de construção civil da empresa contratada pela EMEL e depois, tal como tinha sido descoberta, assim foi soterrada, não se sabe em que condições.

Por muito bem protegida que tenha sido, agora está “sepultada” debaixo de betão armado e inacessível, pelo que certamente ninguém mais irá ter acesso àquela estrutura histórica. Segundo nos foi transmitido, tudo isto foi feito em parte com o conhecimento da DGPC – Direcção Geral do Património Cultural – que não terá providenciado para os acontecimentos terem tomado outro rumo. Vale a pena pelo menos saber o que se passou.

² A Universidade de Leiden, ou, na sua forma portuguesa, de Leida (em neerlandês: Universiteit Leiden), localizada na cidade de Leiden, é a mais antiga universidade dos Países Baixos. Fonte: Wikipédia. Acedido em: 26-09-2017.

Quando o Arquitecto Carlos Carvalho visitou o local – por ter recebido um convite específico para a visita -, em devido tempo, conseguiu identificar a embarcação.

Igualmente o mestre Jaime Ferreira da Costa, proprietário do Estaleiro de Sarilhos Pequenos, foi igualmente convidado e compareceu, tendo reconhecido a importância dos achados.

Naquela altura em que lá estiveram os dois, tiveram a oportunidade de solicitar que pelo menos tivessem o cuidado de preservar o leme, por ser um exemplar raríssimo e também porque com toda a certeza não irá aparecer outro exemplar igual. Era (como é) um leme que só era conhecido através de alguns registos fotográficos, de desenhos e da colecção Seixas que está patente no Museu da Marinha. A descoberta deste modelo foi um acontecimento único e de uma enorme importância, dado o seu valor patrimonial inestimável para a nossa cultura e a nossa identidade.

Por todas estas razões, o património na altura encontrado deveria ter merecido um tratamento adequado à sua dimensão e importância. Por muito menos do que aquele achado se fazem museus, aqui em Portugal e noutros países europeus, sempre sequiosos por achados e por temáticas desta natureza. Para este exemplo e para estas entidades, parece que tudo passou ao lado, como se de um achado insignificante se tratasse, para mais quando se gastam verbas consideráveis em iniciativas e projectos insignificantes do ponto de vista cultural e patrimonial.

As entidades envolvidas - nomeadamente a EMEL, a DGPC e a empresa de arqueologia – trataram o assunto de uma forma que é difícil de qualificar, dados os resultados e as consequências danosas para o nosso património comum. Na verdade, os arqueólogos estão ali pagos pela EMEL – que é uma empresa municipal, logo dos habitantes de Lisboa – e deviam ter em conta o interesse público em relação aos seus actos. Neste caso, os factos indiciam que se privilegiou a celeridade para acabar uma obra em detrimento do património histórico.

Os lisboetas e de uma maneira geral os cidadãos portugueses têm razão para estar preocupados pela forma como as coisas foram e são tratadas, havendo necessidade de se ter em conta o interesse público, colocando-se esta preocupação como a manifestação própria de quem cumpre com um dever cívico e cultural, essencial para o bom funcionamento das coisas do domínio público.

ANEXO

*notícia relacionada*³

LISBOA, 18 DE DEZEMBRO DE 2016

O CAIS E O BARCO REVELADOS PELAS OBRAS NO CAMPO DAS CEBOLAS⁴

Desde setembro, já foram retirados 900 contentores de achados, a maior parte material de construção, mas também cerâmica e material do século XVI. Mas o que mais chama a atenção é um antigo cais e um barco

Um cais pombalino, cerâmica e duas embarcações são alguns dos achados arqueológicos que preenchem os 900 contentores retirados da obra do Campo das Cebolas, em Lisboa, trabalhos que os cidadãos podem acompanhar em visitas uma vez por semana.

As visitas decorrem à sexta-feira de manhã, em grupos de não mais de 15 pessoas que são convidadas a conhecer mais sobre o local que já foi um antigo cais pombalino e que está escondido atrás dos taipais da obra a cargo da Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa (EMEL).

Sara Pardal foi uma das curiosas que aproveitou a última visita de 2016, na sexta-feira passada. O que chamou mais a atenção da bióloga, de 32 anos, foi a embarcação regional que, apesar de "já estar um bocado a desfazer-se", torna "engraçado ver como as coisas ainda se mantêm mais ou menos no mesmo sítio".

O namorado, Pedro Geraldês, revelou que a curiosidade para fazer esta visita foi despertada por uma notícia, e teve como objetivo "ver aspetos da Lisboa antiga que se estão a descobrir na escavação".

Quanto a preferências, o lisboeta afirmou ter gostado "de tudo um pouco, a maneira como a obra está a ser feita, a preservação das estruturas e o estudo".

Cláudia Manso é a diretora-geral da escavação do Campo das Cebolas, que junta uma equipa de arqueologia de 60 pessoas, entre arqueólogos e mão-de-obra de apoio.

Desde setembro, quando começaram as escavações, já foram retirados 900 contentores de achados, a maior parte material de construção (telhas, tijolos e tijoleira), cerâmica comum, vidrada e esmaltada, e também porcelana oriental e italiana.

³ Fonte deste anexo: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/o-cais-e-o-barco-revelados-pelas-obras-no-campo-das-cebolas-5558991.html>. Acedido em: 25-09-2017.

⁴ Campo das Cebolas:

A escavação desvendou, ainda, material do século XVI, como pentes de madeira, bijuteria, sapatos, contas, e até alfinetes e moedas de ouro, encontrados através de um processo de crivagem com jato de água, que limpa as peças.

Mas, o que mais prende a vista dos visitantes é a estrutura do antigo cais, construído após o terramoto de 1755, com três escadarias, e uma embarcação de 17 metros de comprimento e três de largura.

Datado do início do século XIX, o barco regional de transporte mercadorias alimentares e cortiça no rio Tejo, foi encontrada praticamente completa e "acostada a uma estrutura portuária de madeira", disse a responsável à Lusa durante a visita.

Cláudia Manso referiu, ainda, que foi o lodo do aterro que permitiu a conservação do barco que os arqueólogos acreditam ter sido abandonado no local, e que era usado para encaminhar as águas do saneamento, que o atravessavam em direção ao rio.

Esta é já o segundo barco encontrado no local (o primeiro, em pior estado, foi entretanto retirado), que servia para consolidação do aterro, o que provocou alguma surpresa, uma vez que "é incomum encontrá-los em contexto de escavação arqueológica", salientou.

A escavação revelou, também, "estruturas relacionadas com o edifício da alfândega velha, construído no final do século XIX", e que "existiu aqui até meados do século XX, quando foi demolido", continuou a diretora.

Para aquele local está prevista a criação de uma praça, um parque de estacionamento e equipamentos lúdicos. A EMEL aponta a conclusão da obra para o "primeiro semestre de 2017".

"Agora sim, estamos efetivamente a iniciar a estrutura do parque", venceu a diretora da Área de Desenvolvimento e Infraestrutura da EMEL à Lusa, explicando que já existe uma zona "ao nível de fundo do parque", o que possibilita "iniciar a estrutura" do estacionamento subterrâneo.

Dado o tamanho do espólio encontrado, a EMEL revê "constantemente a possibilidade de integrar essas realidades naquilo que vai ser o futuro Campo das Cebolas".

Um desses exemplos foram as pedras que serão integradas no pavimento da praça, "substituindo umas outras lajetas que estavam previstas para esta área, possibilitando dar uma continuidade a estes achados arqueológicos e mantê-los no local", sublinhou Rita Gonçalves.

FOTO QUE ACOMPANHA A NOTÍCIA



FOTOS DE OUTROS AUTORES



Outra perspectiva do achado ⁵

⁵ Fonte: https://st3.idealista.pt/news/arquivos/styles/imagen_big_lightbox/public/2016-12/ng8010345.jpg?sv=YojQEF2i&itok=DDoeomWx. Acedido em: 26-09-2017.



Ainda outra perspectiva do barco de água-acima do Campo das Cebolas ⁶

⁶ Fonte: idem.